

Sócrates e Durão: A Bem da Nação!

07-Mai-2009

Apesar de surpreso pela notĂ-cia do apoio de JosĂ SĂcrates a DurĂo Barroso, o que mais me chocou nĂo foi o facto de o Primeiro-Ministro apoiar a reeleiĂĂo do actual presidente da ComissĂo Europeia, mas sim os argumentos nacionalistas utilizados para sustentar essa posiĂĂo. SĂcrates no parlamento nĂo disse uma palavra acerca do mĂrito de DurĂo Barroso, do trabalho desenvolvido pela comissĂo, da capacidade de lideranĂa, dos projectos para o futuro. Pelo contrĂrio, defendeu-se dos ataques da oposiĂĂo com um discurso patriĂtico do "se Ăo portuguĂs Ăo bom", o que revela um total desrespeito pela visĂo supranacional que deveria orientar os discursos dos lĂderes europeus nas discussĂes acerca do projecto europeu e que Ăo tĂ-pico do provincianismo que muitas vezes caracteriza muitos dos dirigentes da pĂtria. Claro que tambĂm nĂo faltaram as velhas acusaĂĂes de sectarismo da esquerda, mas onde Ăo que encaixamos entĂo MĂrio Soares, JosĂ Manuel Fernandes ou Vasco Pulido Valente que condenaram em unĂssono esta "saloiice" e com quem eu me vi obrigado a concordar?

Eu sei que hoje em dia os princĂpios contam pouco, mas entĂo fica a pergunta: e se fosse MĂrio Machado? Votaria SĂcrates na sua eleiĂĂo contra um qualquer estrangeiro independentemente da ideologia? SerĂ que ser portuguĂs Ăo critĂrio mais importante quando confrontado com um estrangeiro? JĂ nos tĂ-nhamos dado conta que isso acontece invariavelmente nos relatos radiofĂnicos dos jogos da UEFA, do Euro ou do Mundial sempre que equipas nacionais jogam contra estrangeiras, mas querer aplicar a mesma regra Ă UniĂo Europeia para alĂm de ridĂculo Ăo perigoso, porque faz despertar sentimentos que quando levados ao exagero resultam invariavelmente em guerra, e a Europa jĂ testemunhou duas guerras mundiais graĂas ao nacionalismo exacerbado, e ainda hĂ bem pouco tempo a JugoslĂvia se fragmentou atravĂs de uma guerra brutal que derivou da mesma problemĂtica. Mas nĂo Ăo isso que aqui estĂ em causa, aquilo que se pergunta Ăo: para JosĂ SĂcrates, em que lugar encaixa o critĂrio nacional? Acima do mĂrito, da capacidade, da visĂo, do projecto? AtĂ que ponto o nacionalismo Ăo mais importante que qualquer outro critĂrio para o nosso primeiro-ministro?

Ăo claro que houve logo um coro de aplausos Ă coragem de SĂcrates. Por exemplo, o director do Sol, JosĂ Saraiva, argumenta com o facto de ficarmos contentes sempre que o Ronaldo marca ou ganha um jogo! Eu acho mas Ăo incrĂvel como Ăo que se pode comparar o sucesso ou insucesso de Ronaldo com o destino e o futuro da Europa! Sim, porque Ăo disso que se trata. Ăo que eu nĂo vislumbro atĂ que ponto influenciarĂ a minha vida uma derrota ou vitĂria de Ronaldo! Mas tenho a certeza de que a eleiĂĂo do presidente da comissĂo europeia terĂ uma relaĂĂo directa no que serĂo os prĂximos 5 anos para os europeus, porque dele dependerĂo muitas das directivas que influirĂo directamente sobre as nossas vidas, dos portugueses e dos europeus, seja lĂ qual for a distinĂĂo. Porque esse patriotismo da bandeira na janela ou Ă varanda e em que depois no dia das eleiĂĂes se fica em casa a mim nĂo me diz rigorosamente nada. Isso nĂo Ăo patriotismo, Ăo provincianismo.

A verdade Ăo que a UniĂo Europeia nĂo pode viver refĂm desta mesquinhez nacional, nĂo pode ser uma soma de nacionalismos, de Portugal Ă PolĂnia, da Alemanha Ă FranĂa, correndo o risco de implodir quando todos os lĂderes decidirem em funĂĂo da sua prĂpria nacionalidade.

Aproveito também a oportunidade para indagar até que ponto chega o amor à nossa terra. Nas eleições legislativas o critério até dos habitantes de Castelo Branco será votar Sácrates porque é da cidade. Nas eleições autárquicas votaremos no candidato da nossa freguesia. Para a junta o critério seria votar na pessoa da minha aldeia. No condomínio votarei naquele que for do meu andar. É esta a noção que o PS tem da política de proximidade. Está bem que até pode ser para alguns um bom critério, mas não pode ser de todo um preceito que reja as decisões de um primeiro-ministro. Isto nem num país do faz de contas. É a velha discussão em torno das capelas e das capelinhas e o nacional-umbiguismo ou nacional-amiguismo no seu esplendor máximo.

Claro que todos queremos um TGV à porta, um aeroporto na cidade, uma auto-estrada que desembocasse no nosso bairro. Mas não é por amarmos a nossa terra e termos poder para o fazer que agora desataremos a construir elefantes brancos só porque é bom para a nossa cidade independentemente de ser mau para o país. O mesmo se aplica à escolha de Durão Barroso. Não é por ser prestigiante para Portugal que iremos pagar em causa o futuro da União. Barroso foi o criador de serviço na mais vergonhosa cimeira da nossa democracia e que originou a mais vergonhosa guerra das últimas décadas, caracterizada pela mentira e motivada pela ganância de Bush e seus amigos. Barroso é o rosto ultrapassado do neo-liberalismo fraudulento que nos colocou perante a mais grave crise económico-financeira desde a 2ª Guerra Mundial. Barroso foi o homem que deixou Santana como herança, foi o homem que na última cimeira do G-20 não se viu. Não se deverá o protagonismo de Sarkozy, Brown, Merkel e Berlusconi à falta de carisma e liderança do presidente da Comissão Europeia? E de que modo isso se traduz em prestígio para Portugal? Será se for um prestígio à prestige! Um prestígio contaminado pelo petróleo.

Talvez este apoio se deva exactamente ao facto de Barroso ter oferecido uma oportunidade única a Sácrates de obter a maioria absoluta, isto porque ninguém de bom senso vislumbrava alguma esperança de futuro para a dupla Santana/Portas... E até desconfio que o apoio incondicional ao tratado de Lisboa, esquecendo o tratado prometido referendo à vontade popular, se deve somente e tanto só a isso mesmo, ao nome: Lisboa. Já imaginaram nos livros de história, a par do Tratado de Roma e dos fundadores da comunidade europeia, o Tratado de Lisboa e Sácrates como mentor da nova Europa? Eu não, mas aposto que Sácrates tem vindo a sonhar com isso, apesar do não irlandês e as reticências checas terem transformado aquilo que parecia um belo sonho num pesadelo...

Agora o nacionalismo discute-se internamente através da necessidade de um Bloco Central, a bem da nação. Então estes senhores repartiram o poder nos últimos 33 anos, acusam-se mutuamente sobre as culpas do atraso estrutural que cada vez mais nos caracteriza, da inércia governativa instalada, dos índices vergonhosos que nos afundam nas tabelas de desenvolvimento e querem agora fazer-nos crer que serão eles a salvar-nos? E depois de quatro anos de bloco central, para cima de quem atirariam a responsabilidade da má governação? Por mais que os cartoonistas, humoristas e a generalidade dos comentadores se regozijem com a ideia de Sácrates e Manuela a passear de mãos dadas por São Bento, o país não pode aceitar este cenário aterrador de ânimo leve.

Afinal de contas, isto é porreiro para quem pá?

Â

Â

Texto de Daniel Nicola